

**Pesquisas da Comunicação em um contexto de
mobilização e organização da sociedade civil**

*Communication research in a context of
mobilization and civil society organization*

Sabrina Stielert TEIXEIRA¹

Resumo

No cenário de importantes mobilizações ocorridas na última década, em especial aquelas protagonizadas pelo movimento feminista, destacam-se iniciativas da sociedade civil e suas articulações auto-organizadas. Nesse contexto, coletivos entram em cena e se colocam como possibilidades organizativas. Este artigo tem o objetivo de apresentar uma revisão das pesquisas da Área da Comunicação sobre temas relacionados a essas formas de mobilização, como movimentos sociais, feminismo, organização social e coletivos. Para tanto, foram utilizados métodos de pesquisa bibliográfica e de análise documental. Conclui-se que são notáveis as contribuições desses estudos, ao mesmo tempo em que revelam oportunidades investigativas para o avanço do conhecimento na Comunicação.

Palavras-chave: Movimento social. Coletivos. Estado da arte. Feminismo.

Abstract

In the scenario of important mobilizations that took place in the last decade, especially those led by the feminist movement, civil society initiatives and their self-organized articulations stand out. This article aims to present a review of research studies in the Communication Area on topics related to these forms of mobilization, such as social movements, feminism, social organization, and collectives, which enter the scene and pose themselves as new organizational possibilities. To this end, bibliographic research and document analysis methods were used. It is concluded that the contributions of these studies are remarkable, and that, at the same time, they reveal investigative opportunities for the advancement of knowledge in Communication.

Keywords: Collectives. Feminism. Social Movements. State of Art.

¹ Mestranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Bolsista CNPq. Integrante do Grupo de Pesquisa Comunicação e Práticas Culturais.
E-mail: sabrina.stielert@gmail.com

Introdução

Na última década, importantes mobilizações, levantes e ações coletivas sacudiram as redes sociais da internet e as ruas em diversos lugares do mundo. Exemplos disso podem ser conferidos em movimentos como a Primavera Árabe, no Oriente Médio, o *Occupy Wall Street*, nos EUA, os Indignados ou 15M, na Espanha, e as Jornadas de Junho, no Brasil. Essas e outras mobilizações colocaram em evidência a insatisfação, por parte da população, com seus representantes governamentais, demonstrando crises em sistemas democráticos, críticas às instituições tradicionais e o intenso uso das tecnologias digitais (CASTELLS, 2013; MARQUES; MARX, 2020; PEREZ; SOUZA, 2017; PEREZ 2019; VALIENGO; M. OLIVEIRA, 2020). Nesse cenário, também se destaca a articulação no campo feminista que se intensificou dentro desse ciclo de mobilizações.

As manifestações e ações coletivas protagonizadas por mulheres, como a Primavera das Mulheres ou Primavera Feminista², em 2015, no Brasil, e o movimento *Ni una a menos*, que eclodiu no mesmo ano na Argentina, são exemplos dessa articulação. Mais recentemente, ainda sobre o Brasil, vale lembrar também da Marcha das Mulheres Negras, que ocorreu pela primeira vez em 2015, e da 1ª Marcha das Mulheres Indígenas, em 2019. Também em 2019, o protesto performático *Un violador en tu camino*, do coletivo chileno *Lastesis*, ganhou o mundo, sendo reproduzido em espaços públicos de diversos países.

Tais mobilizações, entre outras questões, deram visibilidade a novas experiências organizativas da sociedade civil, entre elas estão os coletivos, que surgem como uma proposta de caráter associativo, não hierárquico e propositivo. Esse modelo organizativo promove mudanças sociais e impulsiona uma agenda de pesquisa no campo social (GOHN; PENTEADO; MARQUES, 2020).

A partir dessa contextualização, este artigo³ tem o objetivo de apresentar uma revisão das pesquisas antecedentes na área da Comunicação sobre os temas que pulsam deste contexto, como movimentos sociais, feminismo, organização social e coletivos.

² Foi uma sequência de protestos principalmente contra ao Projeto de Lei 5.069/2013, que definia restrições ao aborto legal em caso de estupro e cuidados médicos, direito já previsto em Lei.

³ Este artigo resulta de uma pesquisa mais ampla que faz parte de uma dissertação de mestrado que compreende a comunicação em coletivos de mulheres, desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Dessa forma, buscando entender de que forma essas dinâmicas sociais aparecem no campo da Comunicação.

Tal empenho justifica-se pela relevância das temáticas emergentes e pulsantes que mobilizam diversas áreas do conhecimento, sendo oportuno entender suas expressões pelo prisma da Comunicação. Nessa perspectiva, se faz necessário compreender o que o campo tem percebido diante desses temas e as questões sociocomunicacionais que surgem a partir deles. Para tanto, foram empregadas a pesquisa bibliográfica (STUMPF, 2005) e a análise documental (MOREIRA, 2005) como procedimentos metodológicos. As fontes⁴ consultadas foram produções científicas brasileiras em Comunicação referente aos anos de 2015 a 2020, sendo periódicos científicos eletrônicos, anais eletrônicos de eventos da área e banco de teses e dissertações de Programas de Pós-graduação em Comunicação.

Cidadania, redes sociais digitais e gênero

A partir da confluência temática entre os objetivos dos trabalhos selecionados (Quadro 1), identificamos quatro focos de abordagem: 1) vínculos, cidadania e comunicação; 2) redes sociais digitais e coletivos; 3) feminismo e questões de gênero e 4) comunicação organizacional e instituições.

Quadro 1- Relação dos trabalhos selecionados

Nº	Fonte	Título	Autores(as)	Ano
1	Dissertação (D)	Informação e coletivos culturais mediáticos: redes contemporâneas de ação social na América Latina.	MÉNDEZ	2016
2	Tese (T)	Coletivos criativos como ambientes de identificação de tendências para a construção de cenários de futuro.	VISONÁ	2020
3	D	Os movimentos sociocomunicativos de ativistas engajadas na luta contra o câncer de mama no Brasil	SOARES	2016

⁴ A coleta foi realizada a partir da busca de palavras-chaves como “coletivos”, “organização da sociedade civil”, “feminismo” e “movimentos sociais”. Vale ressaltar que os mecanismos de busca nos portais das fontes mencionadas nem sempre foram eficientes ou funcionavam; além disso, muitos trabalhos não possuem as palavras-chave adequadas ao seu tema, tornando esse tipo de filtro, em certo nível, ineficaz. Por isso, para realizar um levantamento mais profícuo, optamos por ler os títulos dos textos encontrados e, posteriormente, os resumos dos trabalhos de interesse.

4	T	Entre as redes sociais digitais e as ruas: processos comunicacionais dos coletivos	ALBUQUERQUE	2016
5	T	Genealogias dissidentes: os estudos de gênero nas teses e dissertações em Comunicação do Brasil	TOMAZETTI	2019
6	D	Comunicação e Gênero: as narrativas dos movimentos feministas contemporâneos	SILVA A.	2017
7	T	A invenção da sororidade: sentimentos morais, feminismo e mídia.	LEAL	2019
8	D	A Cidade Delas - Coletivo das Minas e as marcas narrativas de uma territorialidade das mulheres na cidade de Vitória	JESUS	2019
9	D	A comunicação dos movimentos sociais como meio de empoderamento para a cidadania.	ANTOLINI	2016
10	Revista E-compós	A politização das conversas cotidianas e suas relações com processos deliberativos.	MARQUES e MARTINO	2017
11	Revista Famecos	Diálogo e vínculo – contribuições para a lugarização de perspectivas complexas nas organizações	SCROFERNEKER; AMORIM e OLIVEIRA,	2016
12	Revista Comunicação Midiática	O paradigma do sensível na Comunicação	SANTAELLA	2016
13	Revista Comunicação Midiática	Comunicação digital, ação coletiva e engajamento político: impactos e tendências para as organizações civis do século XXI	SILVA S.	2018
14	Anais Eletrônicos (AE) Intercom	Comunicação comunitária: uma perspectiva teórica do empoderamento à biopotência da multidão	PICHLER e FOSSÁ	2015
15	AE Intercom	A comunicação como instrumento de transformação social em organizações da sociedade civil	CAMARGO	2017
16	AE Compós	Um prisma, muitas faces: mapa de coletivos de mulheres, suas propostas e formas comunicativas	JUSTUS; ROMANCINI e CASTILHO F.	2019
17	AE Fazendo Gênero	Feminismo nas mídias sociais e nas ruas: questões a partir de um coletivo de Aracaju/SE.	SILVA F. e OLIVEIRA B.	2017

Fonte: elaborado pela autora.

Entre os trabalhos que abordam vínculos, cidadania e comunicação, quatro focalizam os objetivos de resgate da comunicação cotidiana vinculante e de valorização

da participação crítica nos processos comunicacionais. Nesse ponto, destacam-se o artigo de Santaella (2016), que se dedica a “debater o paradigma do sensível na comunicação”, e o artigo de Marques e Martino (2017), que busca as “possibilidades de politização das falas cotidianas.” Na mesma linha, estão os trabalhos de Antolini (2016) e de Pichler e Fossá (2015), que apresentam uma articulação teórica em perspectiva da comunicação comunitária e participação crítica dos sujeitos e sujeitas nos processos comunicativos. Também se coloca nessa perspectiva o trabalho de Visoná (2020), que identifica desdobramentos da tendência sociocultural “estar-junto-com”.

Entre os trabalhos que abordam redes sociais digitais e coletivos, foram encontrados quatro textos que apontam para uma compreensão do uso das redes sociais na internet por sujeitos e sujeitas integrantes de organizações ou movimentos sociais, principalmente dos últimos anos. Isso, porque as redes digitais tornaram-se um espaço importante para a organização social, a articulação de ativistas, o fortalecimento de redes sociais e a divulgação de suas causas. Podemos perceber essa tendência no trabalho de Albuquerque (2016, p. 8), que busca compreender os usos e as apropriações do *Facebook* por movimentos sociocomunicacionais de Porto Alegre (RS). Outros trabalhos com objetivos confluentes são os de autoria de Soares (2016) e de S. da Silva (2018), que procuram compreender a construção de vínculos entre os sujeitos e sujeitas comunicantes e os seus processos comunicacionais no exercício e conquista da cidadania. Ainda nessa linha, podemos citar a pesquisa de Méndez (2016, p. 4), que tem foco nas dinâmicas infocomunicativas que ocorrem fenômenos coletivos organizados em rede na América Latina.

Entre os trabalhos que abordam o campo feminista, sobre questões de gênero e a comunicação foi possível associar seis textos. Nesse âmbito, destaca-se a pesquisa de Jesus (2019, p. 7), que teve como objetivo analisar ações e narrativas de mulheres na busca pela visibilidade no contexto da cidade. No escopo das redes sociais digitais, que voltam a integrar os focos das pesquisas; entretanto, em geral com um olhar voltado aos recentes movimentos de mulheres estão os trabalhos de F. da Silva e B. de Oliveira (2017) e de A. Silva (2017). Ainda sob o enfoque feminista, mas expandindo para o conceito de gênero na área da comunicação, a tese de Tomazetti (2019) merece destaque, uma vez que se dedica a investigar a os estudos de gênero nas investigações de mestrado e doutorado em comunicação do Brasil defendidas no período de 1972 a 2015.

Entre os trabalhos que abordam a comunicação organizacional e instituições, estão objetivos que se relacionam com a proposta de discutir sobre perspectivas comunicacionais em ambientes organizacionais contemporâneos, levando em conta sentidos e processos na comunicação. Incluem-se nessa perspectiva os textos de Scroferneker, Amorim e R. de Oliveira (2016), bem como o de Camargo (2017).

Diversidade teórica-conceitual

Buscando compreender as teorias e conceitos que se interseccionam nos trabalhos selecionados, partimos para a análise das referências teóricas mais utilizadas pelo corpus. Vale ressaltar que este texto não tem o intuito de vencer todo o referencial teórico das pesquisas e estudos selecionados, mas sim de buscar entendimento para as temáticas mais exploradas nas pesquisas e referências que auxiliam na compreensão dos temas mais abordados.

Quase todos os trabalhos articulam o campo da comunicação ao da cidadania. Algumas pesquisas abordam de forma mais direta a comunicação com foco no empoderamento dos sujeitos e sujeitas locais e no fortalecimento de vínculos sociais, utilizam as perspectivas de Rubem, Mata, Cortina, Peruzzo, Lacerda e Cogo. Com um olhar mais direcionado ao combate à comunicação hegemônica e de massa, destaca-se o conceito de comunicação comunitária trazido por Peruzzo, que se repete em alguns dos estudos. De forma mais específica, a cidadania, sob o olhar de Elias, Cortina, Dagnino, García-Canclini e Santos, é tratada como elemento pulsante em diversos dos estudos selecionados, assim como noções de direitos humanos na visão de Bobbio, Comparato, Marshall, Carvalho e Liszt Vieira.

Algumas investigações trazem reflexões e valorizam a comunicação cotidiana realizada por sujeitos e sujeitas, ressaltando a discussão sobre aquilo que é informal e ocorre no dia a dia. Referenciam autores como Certeau, Lacerda, Eliasoph, Herbst, Schein, Moy e Gastil, Mutz e Mondak, na mesma linha. No entanto, aproximando-se de estudos da comunicação organizacional aparecem trabalhos que relacionam tais práticas à esfera da comunicação pública; nesse caso, se apropriam de autores como Koçouski, Almeida, Marques, Habermas e Sennett; no campo da comunicação organizacional, aparecem autores como Schein, Fearon, Chanlat, Silva, A. e Rebelo.

Na perspectiva das formas contemporânea de comunicar que se expressam na internet e se articulam em rede, o autor mais citado é Castells. Para além dessas abordagens, esse autor também é utilizado para compreender os novos movimentos que surgem no ciberespaço. Nesse prisma, também aparecem no corpus as tecnologias da informação e comunicação discutidas por autores como Almeida, Castells, Saracevic, Capurro, Ferreira e Ortiz.

Estudos de comunicação e cultura, principalmente de identidade, estão nas linhas de alguns trabalhos que se apropriam de entendimentos de Hall e Goffman, ou, a partir de um olhar latino-americano, de García-Canclini. Sobre as definições de cultura são ainda citados Morin e Bourdieu.

Boa parte das pesquisas em exame dedica-se a compreender a articulação dos movimentos sociais, apoiando-se em Charles Tilly, Melucci, Habermas, Gamson, Arato e Jean Cohen, Johnston, Della Porta e Diani; análises dos novos movimentos sociais fazem referência a Alonso, Gohn e Melucci. Sobre as formas de ativismos e as ações coletivas, aparecem nomes como Hannah Arendt e Araújo. Em uma visão mais abrangente, relacionada à identidade dos sujeitos e sujeitas, ficam evidentes as contribuições de Melucci. Em uma visão mais local, são utilizadas as considerações de Gohn sobre os movimentos sociais no Brasil. Ainda se associa a essas estruturas de pensamento o conceito de Multidão dos autores Negri e Hardt, explorado por diversos trabalhos do corpus.

Nos estudos do movimento feminista, as reflexões acerca do Brasil recebem destaque, uma vez que esse movimento assume características locais pela sua diversidade; neste sentido, são citadas Pinto, Sarti, Alves, Pitanguy e Zirbel. Quando a comunicação é articulada a esse movimento, nomes como Escosteguy, Messa, John, Costa e Coruja aparecem. As investigações do corpus que se apropriam de conceitos mais abrangentes, buscando uma visão histórica do movimento feminista, utilizam por vezes nomes como Rago, Ketzer, Cole, Pedwell, Whitehead e Haraway. Estudos de gênero na perspectiva de Butler e Foucault também são explorados pelos estudos.

Recursos e percursos metodológicos

Ao explorar os recursos metodológicos utilizados nas pesquisas, observamos que todos os trabalhos são qualitativos, sendo três combinadas com metodologias

quantitativas (LEAL, 2019; SOARES, 2016; TOMAZETTI, 2019). Todos os textos utilizam a pesquisa bibliográfica, sendo que cinco deles a empregam como metodologia principal. As outras pesquisas combinam diferentes métodos. Em dois casos, é utilizado o termo “pesquisa da pesquisa”.

Analisando os trabalhos que agregam a etnografia, destacam-se dois trabalhos (ALBUQUERQUE, 2016; VISONÁ, 2020), a transmetodologia surge também em duas pesquisas, sendo umas delas igualmente com aporte etnográfico (ALBUQUERQUE, 2016; SOARES, 2016). Nessa perspectiva, e tendo em vista que a maioria dos trabalhos trata de questões que envolvem sujeitos e sujeitas, movimentos sociais e ações sociais, a entrevista aparece em seis pesquisas (ALBUQUERQUE, 2016; CAMARGO, 2017; JESUS, 2019; MÉNDEZ, 2016; SOARES, 2016; VISONÁ, 2020). Uma delas utiliza a entrevista em profundidade (SOARES, 2016), três usam entrevistas semiestruturadas (ALBUQUERQUE, 2016; MÉNDEZ, 2016; VISONÁ, 2020); um trabalho vale-se da entrevista qualitativa (CAMARGO, 2017) e outro emprega questionário (JESUS, 2019).

Se analisarmos o total de informantes entrevistados pelos investigadores, temos o seguinte perfil: 16 mulheres e 12 homens. As pesquisas cujo objeto de investigação são iniciativas que envolvem questões de mulheres abarcam 6 entrevistadas do total mencionado (JESUS, 2019; SOARES, 2016). Nesse sentido, podemos afirmar que, se tratando de outros temas, a maioria dos entrevistados é formada de homens. Aprofundando mais a análise, é possível mencionar que as pesquisas que utilizam entrevistas com ativistas de movimentos sociais contemporâneos o fazem com um total de 7 homens e 4 mulheres (ALBUQUERQUE, 2016; MÉNDEZ, 2016). Por outro lado, a pesquisa que envolveu sujeitos e sujeitas de coletivos criativos entrevistou 6 mulheres e 5 homens (VISONÁ, 2020). Ainda, há um trabalho que utiliza a entrevista relacionada às questões de uma instituição (CAMARGO, 2017), ou seja, a sujeita entrevistada representava a organização estudada.

Na perspectiva digital, a netnografia aparece em dois trabalhos (MÉNDEZ, 2016; SOARES, 2016). Entretanto, a observação de ambientes digitais está em seis trabalhos que se traduz na análise de conteúdos em sites e/ou redes sociais (ALBUQUERQUE, 2016; LEAL, 2019; JUSTUS; ROMANCINI; CASTILHO, 2019; SILVA F.; OLIVEIRA B., 2017; SILVA A, 2017; SOARES, 2016; TOMAZETTI, 2019). O trabalho de Soares (2016) faz uma análise sistêmica do ambiente digital da FEMAMA - Federação Brasileira

de Instituições Filantrópicas de Apoio à Saúde da Mama, analisa a estrutura do portal, 86 notícias postadas e, ainda, conteúdos de 46 posts da página do *Facebook* dessa instituição.

Méndez (2016) faz uma análise dos ambientes digitais - mais especificamente das páginas do *Facebook* - dos coletivos comunicacionais Mídia Ninja (Brasil) e desInformémonos (México). Albuquerque (2016) também analisa conteúdos nas páginas do *Facebook* dos dois objetos de estudos de sua pesquisa, totalizando 305 postagens analisadas. Já Silva A. (2017) faz uma análise descritiva do conteúdo de três revistas feministas online. Seguindo no ambiente online, Leal (2019) analisa uma amostra de 84 textos, publicados em 59 veículos online de diversos formatos. Justus, Romancini e Castilho (2019) utilizam a análise descritiva e a análise de enquadramento em um corpus formado por 290 iniciativas descritas na plataforma online MAMU- Mapa de Coletivos de Mulheres. Por fim, Tomazetti (2019) coleta dados no banco de teses e dissertações da Capes correspondente ao período de 1972 a 2015, compondo assim um corpus de 316 trabalhos sobre (ou tangenciando) gênero em 28 Programas de Pós-graduação em Comunicação. Saindo do digital, uma investigação analisa fatos sociais (SILVA A., 2018), enquanto outra ainda utiliza a análise de discurso para examinar 16 imagens/grafites elaboradas pelo Coletivo das Mina na cidade de Vitória -ES/Brasil (JESUS, 2019).

Ainda sobre procedimentos metodológicos, uma pesquisa apoia-se no estudo de caso. O artigo de Silva F. e Oliveira B. (2017) analisa o perfil das ativistas do Coletivo de Mulheres de Aracaju, que se articula pelo *Facebook*, mas também protagoniza atos públicos; entretanto, o texto não deixa claro como o estudo foi realizado, ou seja, quais métodos foram empregados para tal levantamento.

Registros históricos e possibilidades comunicacionais

Ao abordar os resultados das pesquisas, vale lembrar que são investigações com objetos diversos, relacionados a variados produtos comunicacionais; logo trataremos dos resultados individualmente, mas buscando aproximações.

Assim, seis trabalhos analisam o uso das tecnologias da comunicação por iniciativas sociais, sujeitos e sujeitas comunicantes e movimentos sociais. Soares (2016), ao pesquisar a relação entre os sujeitos e sujeitas comunicantes e a cidadania favorecida pelas tecnologias da comunicação, verifica que o uso da internet pelas ativistas em

questão tem foco profissional e de engajamento na causa da luta contra o câncer de mama; o estudo aponta para o reconhecimento das ativistas nos limites dos usos das redes sociais. A pesquisadora aponta ainda o perfil das ativistas do movimento, majoritariamente constituído por mulheres brancas de classe média-alta e terceira idade, alto nível de escolaridade e condições de renda para a dedicação ao ativismo voluntário. Demonstra também o fortalecimento de vínculos identitários entre portadores de câncer de mama, tendo a FEMAMA como lugar de acolhimento. Para a autora, contudo, o portal da instituição se coloca muito mais como um modelo comercial, de afirmação da marca, do que como uma possibilidade de interação entre as ativistas e pessoas que buscam informação.

Albuquerque (2016), em sua análise do uso do *Facebook* por dois recentes movimentos sociais da cidade de Porto Alegre, aponta para o compartilhamento de informações ligadas às causas e às ações coletivas organizadas por eles. Ao mesmo tempo, assinala diferenças na utilização desse meio; de um lado, um dos grupos apresentou fluidez e horizontalidade nos fluxos não definidos de postagens; do outro, observa o uso do *Facebook* para criação, mobilização e convocação de atos públicos; após a criminalização do movimento, percebe uma mudança de discurso, buscando apoio do público por meio das publicações. Ao mesmo tempo que Albuquerque (2016) demonstra a importância dessa ferramenta para os movimentos, também chama atenção para o caráter de vigilância e controle que a exposição aberta pode causar, uma vez que essas páginas contêm um perfil com informações sobre esses movimentos. Além do aspecto comunicacional, o trabalho resgata e registra acontecimentos recentes dos movimentos sociais contemporâneos de Porto Alegre. Ambos os movimentos buscam formar e manter relações em redes com outros movimentos para fortalecer as causas. Seguindo essa linha, Méndez (2016) identifica a formação de um cenário que envolve redes de caráter coletivo e de natureza social, capaz de reivindicar mudanças; ele aponta para a multiplicidade de elementos que interferem nos coletivos analisados e para a potente influência das Tecnologias da Informação e Comunicação sobre suas formações e ações.

Ainda na mesma temática, Antolini (2016) tece um apanhado histórico dos principais conceitos que se referem à cidadania e aos movimentos sociais; aponta para uma ocupação majoritária da sociedade civil pelos movimentos sociais que se inserem nas esferas públicas de discussão, trazendo à tona temas ignorados pelo Estado. Para isso, os movimentos se apropriam de formas diversas de comunicação e utilizam as tecnologias

para a comunicação e fortalecimento de redes; dessa forma, também influenciados e influenciando outros cidadãos, cidadãs e movimentos. Já a pesquisa de Silva S. (2018) aponta para uma reestruturação das organizações sociais a partir das mudanças trazidas pela comunicação digital em rede e para um campo ainda a ser explorado. Para o autor, essa realidade “exige maiores esforços de pesquisa para compreender [...] a evolução dessas repercussões e o papel das organizações civis na formação da opinião pública e na dinâmica das ações coletivas” (SILVA S., 2018, p. 34).

O texto de Silva F. e Oliveira B. (2017) carrega a aproximação dos movimentos feministas e o uso das tecnologias da comunicação, afirmando que as novas possibilidades comunicacionais possibilitam “uma nova forma de organização de mulheres em curso, com uma maior interação” (2017, p. 11). Ainda para as autoras, tal ação leva ao crescimento do perfil cada vez mais jovem das ativistas.

Sobre a temática mulheres, mais especificamente, a pesquisa de Silva A. (2017) mostra que as narrativas analisadas em revistas feministas independentes revelam a representação como categoria-chave para as reivindicações de gênero. Para tanto, a autora apresenta três deslocamentos do conceito de representação: 1) representação como fantasia de amparo psíquico do sujeito, deslocamento da dimensão política e expressão no espaço público; 2) representar como o novo fetiche da mercadoria - desmaterialização da economia e das fronteiras de gênero; 3) representar como uma operação transcendente, uma atualização da sororidade/afetividade.

Sobre essa última questão, a pesquisa de Leal (2019) apresenta um resgate epistemológico e histórico de palavras como simpatia, empatia e sororidade. A investigação aponta a mídia como um “espaço central para o exercício da política feminista e para a produção discursiva sobre a sororidade” (2019, p. 233). Para a autora, a sororidade descreve as relações femininas embasadas em uma perspectiva feminista que funda uma ética contemporânea entre as mulheres, além de representar uma “chave de leitura” dos produtos midiáticos, os quais podem se adequar ou não ao discurso feminista.

Ainda sobre movimento feminista, o trabalho de Justus, Romancini e Castilho (2019) apresenta um panorama das iniciativas de mulheres, no Brasil, organizadas em coletivos ou outras instituições, além de mostrar suas características. O estudo faz um detalhamento sobre os tipos de iniciativas, localização e frentes, além de apontar para a concentração de iniciativas no Sudeste. Por outro lado, a investigação de Tomazetti (2019) faz um levantamento detalhado da pesquisa sobre gênero na Comunicação no

Brasil. O trabalho aponta para um estudo tardio no campo da Comunicação sobre a temática de gênero. Saindo das análises do espaço virtual e indo para os espaços públicos e presenciais, o trabalho de Jesus (2019) relaciona a arte urbana desenvolvida pelo grafite de artistas como forma de visibilizar a luta das mulheres. O estudo sublinha que o “ativismo, aliado à uma estética feminista, desvela outras relações possíveis com a cidade”, rompendo com os regimes de invisibilidade das mulheres nesse território.

A articulação coletiva aparece em Visoná (2020), ao anunciar que os coletivos criativos são expressões do “estar-junto-com” enquanto tendência sociocultural estimulando a geração de cultura por meio da vivência de novos valores, crenças, trocas simbólicas, elaboração e produção de bens. A autora também apresenta características importantes dos coletivos, nos quais se verifica a colaboração, horizontalidade e coletivização de espaços, ideias e projetos.

A comunicação cotidiana é trazida por Marques e Martinho (2017): revelam a importância das conversas triviais para o desenvolvimento da opinião pública, da participação e do próprio sujeito e sujeita. Na visão dos autores, a conversação privada sobre assuntos relevantes publicamente contribui com processos deliberativos. Evidenciam que as pessoas, para tornarem públicas as suas conversações, precisam saber explicar/falar, o que também contribuiria para a formação cidadã. Seguindo abordagem semelhante, o trabalho de Santaella (2016) traça uma cartografia teórica do que considera o sentir/sentido como algo central nos processos de comunicação e leva em consideração as novas formas de comunicação em rede.

No nível organizacional, o trabalho de Scroferneker, Amorim e Oliveira (2016) reflete sobre uma abordagem contemporânea da comunicação organizacional focalizada nos sujeitos e sujeitas, “favorecendo o estabelecimento de vínculos e os relacionamentos, possibilitando que o contexto organizacional assuma feições mais cooperativas e apropriadas, sendo compreendido como sistema vivo em toda a sua complexidade” (2016, p. 11).

Pichler e Fossá (2015) nos trazem a articulação teórica entre o conceito de comunicação comunitária e os estudos sobre o empoderamento e a biopotência da multidão; tecem uma discussão acerca de um novo olhar à teoria e à prática desta forma alternativa de comunicação.

Para finalizar, convém ressaltar que nem sempre as pesquisas chegam a resultados específicos; muitas vezes, estamos falando de ensaios e artigos resultantes de

investigações ainda em fase inicial, as quais também auxiliam ao apontarem dificuldades ou lacunas no campo de investigação. Neste sentido, Camargo (2017) menciona a “dificuldade de encontrar aporte teórico sobre o campo de estudos das organizações da sociedade civil, filantropia e terceiro setor”. A seu ver, essas temáticas seriam historicamente vinculadas a outras áreas de estudo.

Considerações finais

Com as análises dos trabalhos apresentados neste artigo é possível perceber um certo fluxo, que não obstante tenham diferentes propósitos de investigação, de uma estrutura centrada nos agentes envolvidos nos processos comunicativos, mesmo quando produtos comunicacionais específicos são também foco dos estudos. Muitos deles, como visto anteriormente, carregam contextualizações históricas e apresentam referências teóricas importantes quanto às temáticas que perpassam os movimentos sociais contemporâneos, as questões de gênero e o feminismo, o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação, a articulação em rede e a ação coletiva. Também podemos apontar para a relação entre a cidadania comunicativa e a construção de vínculos identitários, que perpassa alguns trabalhos, e nos mostra uma aproximação possível entre as ações vinculantes promovidas pelos encontros virtuais/presenciais e a auto-organização das mulheres, tendo os processos comunicacionais como peça-chave. Nesse aspecto, é possível identificar relevantes pontos também no tocante à comunicação organizacional; assim, se levarmos em consideração que a auto-organização das mulheres em coletivos refere-se à uma organização, essa abordagem comunicacional mostra-se uma profícua lente para entender, refletir e analisar tais iniciativas a partir da comunicação. Além do mais, como visto no levantamento, as pesquisas que investigam esse tipo de organização da sociedade civil ainda são muito incipientes.

Por fim, a partir das análises e relações realizadas com esses trabalhos antecedentes é notável suas contribuições, mas sobretudo, revelam oportunidades investigativas para o avanço na área comunicacional.

Referências

ALBUQUERQUE, Marina Zoppas de. **Entre as redes sociais digitais e as ruas:** processos comunicacionais dos coletivos Defesa Pública da Alegria e Bloco de Lutas.

Tese (Doutorado em Comunicação) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2016. Disponível em: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/7312?show=full>. Acesso em: 15 nov. 2020.

ANTOLINI, Marialina Côgo. **A comunicação dos movimentos sociais como meio de empoderamento para a cidadania**. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Territorialidades) - Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2016. Disponível em: <http://comunicacaosocial.ufes.br/pt-br/pos-graduacao/POSCOM/detalhes-da-tese?id=9658>. Acesso em: 5 fev. 2021.

CAMARGO, Camila Acosta. **A comunicação como instrumento de transformação social em organizações da sociedade civil**. In: 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2017, Curitiba. Anais... [...]. p 1- 15. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-0599-1.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2020.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Rio de Janeiro: Zaha, 2013.

GOHN, Maria da Glória; PENTEADO; MARQUES, Marcelo de Souza. Coletivos em cena: experiências práticas e campo de análise. **Revista Simbiótica**, Vitória, v.7, n.3, jul.- dez. 2020

JESUS, Mariana Batista de. **A Cidade Delas - Coletivo das Mina e as marcas narrativas de uma territorialidade das mulheres na cidade de Vitória**. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Territorialidades). Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, 2019. Disponível em: http://portais4.ufes.br/posgrad/teses/tese_13688_Disserta%E7%E3o_Final_Mariana-Bastista.pdf. Acesso em: 10 nov. 2021.

JUSTUS, Paulo; ROMANCINI, Richard; CASTILHO, Fernanda. **Um prisma, muitas faces: mapa de coletivos de mulheres, suas propostas e formas comunicativas**. In: XXVIII Encontro Anual da Compós, 2019, Porto Alegre. Anais... [...]. Disponível em: http://www.compos.org.br/biblioteca/trabalhos_arquivo_6FGN3IKPKM23KD514QDF_28_7315_20_02_2019_08_30_20.pdf. Acesso em: 10 nov. 2021.

LEAL, Tatiane. **A invenção da sororidade: sentimentos morais, feminismo e mídia**. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: http://www.pos.eco.ufrj.br/site/teses_dissertacoes_interna.php?tease=20. Acesso em: 11 fev. 2021

MARQUES, Angela Cristina Salgueiro; MARTINO, Luís Mauro Sá. **A politização das conversas cotidianas e suas relações com processos deliberativos**. In: E-Compós, v. 20, n. 1, 2017. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/1324>. Acesso em: 9 fev. 2021.

MARQUES, Marcelo de Souza; MARX, Vanessa. **Os coletivos em cena: algumas contribuições para o debate**. **Revista Simbiótica**, Vitória, v.7, n.3, jul.- dez. 2020

MÉNDEZ, Héctor René Mena. **Informação e coletivos culturais mediáticos: redes contemporâneas de ação social na América Latina.** 2016. Dissertação (Mestrado em Cultura e Informação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-22092016-144954/pt-br.php>. Acesso em: 11 nov. 2020.

MOREIRA, Sonia V. **Análise documental como método e como técnica.** In: Método e Técnica de Pesquisa em Comunicação, DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (orgs). São Paulo: Atlas S.A, 2005, p. 269-279

PEREZ, Olivia Cristina, FILHO, Alberto Luís Araújo Silva. **Coletivos: um balanço da literatura sobre as novas formas de mobilização da sociedade civil.** Latitude, Vol. 11, nº 1, pp. 255-294, 2017. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/latitude/article/view/2812>. Acesso em: 11 fev. 2021.

PEREZ, Olivia Cristina; SOUZA, Bruno Mello. **Velhos, novos ou novíssimos movimentos sociais? As pautas e práticas dos coletivos.** In: 41º Encontro Anual da ANPOCS. Anais... [...], Caxambu, 2017. Disponível em: <http://anpocs.com/index.php/encontros/papers/41-encontro-anual-da-anpocs/gt-30/gt11-15/10696-velhos-novos-ou-novissimos-movimentos-sociais-as-pautas-e-praticas-dos-coletivos/file>. Acesso em: 10 fev. 2021.

PICHLER, Patrícia Franck; FOSSÁ, Maria Ivete Trevisan. **Comunicação comunitária: uma perspectiva teórica do empoderamento à biopotência da multidão.** In: XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Anais... [...], Rio de Janeiro, RJ, 2015. Disponível em: http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/lista_area_DT7-CC.htm. Acesso em: 11 fev. 2021.

SANTAELLA, Lucia. O paradigma do sensível na Comunicação. **Revista Comunicação Midiática.** Revista Comunicação Midiática, v. 11, n. 1, jan./abr. 2016. Disponível em: <https://www2.faac.unesp.br/comunicacaomidiatica/index.php/CM/issue/view/7>. Acesso em: 20 jul. 2021.

SCROFERNKER, Cleusa Maria Andrade; AMORIM, Lidiane Ramirez de; OLIVEIRA, Rosângela Florczak de. Diálogo e vínculo – contribuições para a lugarização de perspectivas complexas nas organizações. **Revista Famecos**, v. 23, n. 3, 2016. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/24447/14598>. Acesso em: 9 fev. 2021.

SILVA, Ana Beatriz Rangel P. **Comunicação e Gênero: as narrativas dos movimentos feministas contemporâneos.** Rio de Janeiro, 2017. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: http://www.pos.eco.ufrj.br/site/teses_dissertacoes_interna.php?dissertacao=19. Acesso em: 11 fev. 2021

SILVA, Franciele Jacqueline Gazola da; OLIVEIRA, Bárbara Nascimento de. **Feminismo nas mídias sociais e nas ruas: questões a partir de um coletivo de**

Aracaju/SE. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero 11& 13th Women's Worlds Congress. Anais...[...], Florianópolis, 2017. Disponível em: http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499477984_ARQUIVO_Feminismonasmediassociaisenasruas-FazendoGenero2017completo.pdf. Acesso em: 20 nov. 2020.

SILVA, Sivaldo Pereira da. **Comunicação digital, ação coletiva e engajamento político: impactos e tendências para as organizações civis do século XXI**. Revista Comunicação Midiática, v. 13, n. 3, p. 24-38, set -dez.2018. Disponível em: <https://www2.faac.unesp.br/comunicacaomidiatica/index.php/CM/article/view/423/375>. Acesso em: 20 nov. 2020.

SOARES, Thais Costa Cardoso. **Os movimentos sociocomunicativos de ativistas engajadas na luta contra o câncer de mama no Brasil**. Dissertação (Mestrado em comunicação), Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo, 2016. Disponível em: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/5389?show=full>. Acesso em: 20 jun. 2020.

STUMPF, Ida Regina C. **Pesquisa bibliográfica**. In: J. Duarte & A. Barros (Orgs.), Método e Técnica de pesquisa em Comunicação. São Paulo: Atlas S.A., 2005.
TOMAZETTI, Tainan Paul. **Genealogias dissidentes: os estudos de gênero nas teses e dissertações em Comunicação do Brasil (1972-2015)**. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação), Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/193542>. Acesso em: 27 jun. 2020.

VISONÁ, Paula Cristina. **Coletivos criativos como ambientes de identificação de tendências para a construção de cenários de futuro**. Tese (Doutorado em Comunicação), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017. Disponível em: <http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/7610>. Acesso em: 24 jun. 2020.

VALIENGO, Caio Becsi; OLIVEIRA, Marília Jahnel de. **Coletivos e o ciclo de protestos dos anos 2010: reflexões sobre horizontalidade e as tecnologias digitais da informação e comunicação**. Simbiótica, Vitória, v.7, n.3, jul.-dez, 2020.